Anno 16.º | Sabado, 22 de Setembro de 1923 | N.º 795

O DEMOCRATA

SEMANARIO REPUBLICANO DE AVEIRO

DIRECTOR e EDITOR
Arnaldo Ribeiro
PROPRIEDADE DA EMPREZA
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
Tip. «Progresso» a electricidade—Largo Luiz de Camões – AVEIRO.
Redacção e Administração
R. Miguel Bombarda, n.º 21
AVEIRO

Em Espanha

Um movimento sedioso acaba de rebentar no país visinho, tendo-se apoderado do govêrno, após o seu triunfo, o capitão-general Primo de Rivera, que, em ditadura, se propõe fazer algo de proveitoso a favor da nação. E' que, lá como cá, de ha muito se acentuam fundas antipatias contra os politicos profissionais, pertecendo a esta categoria ou devendo estender-se como taes, todos aqueles que, pelas suas paixões exageradas, dão logar á decadencia nacional.

Está, pois, averiguado que os hespanhoes enfermam da mesma molestia que vem grassando entre nós e á qual espera dar pronto remedio o exercito formado em volta do prestigioso militar que o conduziu á revolta.

Mas terá, porventura, Primo da Rivera, capacidade bastante para arcar com as responsabilidades que impendem sobre os seus ombros?

Ao manifesto, que temos presente, assinado por essa alta individualidade de ha muito conhecida dentro e fóra da Espanha, não se lhe pode negar importancia, porque, de facto, ele contem afirmações que só denotam patriotismo e revelam intenções as mais nobres e caracterisadamente desinteressadas.

Falta apenas vêr se as suas obras correspondem ou não ás suas palavras. Mas isso só dando o tempo ao tempo porque uma ditadura tal como a concebeu Primo de Rivera tem muito que se lhe diga.

Bernardo Torres

Subscrição para um mausoleu a erigir ao saudoso republicano e prestante cidadão, cuja campa se acha apenas marcada com o n.º 202.

Transporte	1.028$00
Dr. José Nogueira Lemos (Alquerubim)	10$00
Manuel José da Costa Guimarães	2$50
João Monteiro	3$50
Joaquim Fernandes Martins	5$00
João Mendes da Costa	5$00
Eduardo Miranda	10$00
Francisco F. Caleiro	10$00
Antonio Ferreira Patacão	10$00
Autonio de Oliveira	10$00
Alfredo Henriques	15$00
Francisco A. P. Castro	20$00
Dr. Alberto Souto	5$00
Domingos Leite&C.ª, L.ª	10$00
Lotario Casimiro da Silva	10$00
Luiz Pinho das Neves	10$00
D. A. J.	5$00
Alberto Casimiro	20$00
Raul Cunha	10$00
João Cunha	10$00
Armando F. da Costa	10$00
Dr. José Maria Soares	20$00
Soma	1:239$00

Exoneração

Deixou de exercer as funções de juiz presidente do Tribunal de Desastres no Trabalho, o sr. dr. Antonio Fernandes Duarte Silva, que pediu uma sindicancia aos seus actos.

E AGORA?

Como é do conhecimento publico, a musica do Troviscal foi excomungada pelo bispo de Coimbra por ter tomado parte num funeral civil.

Essa sentença, recebida como devia ser, acaba, porêm, de ter o seu epilogo, que é, sob todos os pontos de vista, dum alto significado para quem a proferiu pelo fiasco vergonhoso a que dá logar.

Narremos: convidada a musica em questão a ir tocar numa festividade religiosa a realisar em Lisboa, declinou esta o convite alegando estar interdita e apontando as razões. Então o arcebispo de Mitilene, posto ao facto do acontecido, fez vêr aos interessados que por ter-se a filarmonica encorporado num enterro civil não é motivo para ser excluida das solenidades religiosas e por isso podia assistir não só á projectada, mas a quantas, de futuro, para elas, receba convite!

Publicamente está, pois, evidenciado o erro que o atribiliario bispo de Coimbra praticou.

Publicamente lhe foi dado o maior quinau que se conhece em materia de desautoração.

Que dirão a isto os acerrimos defensores de todos os actos desse bispo rancoroso, perseguidor e mau?

Se calhar, o padre Videira, nesta hora a *chá de marcela* como reconstituinte contra os abusos da carne, ainda é capaz de querer mal á musica só para não desagradar ao bispo...

O SAL

Devido ao tempo, foi este ano grande a sua produção, que sobresai na nossa ria em montes elevados cujo aspecto continua a ser alvo da admiração dos muitos *touristes* que nesta época por aqui passam.

O preço actual oscila entre 290 e 300 escudos, na eira.

Explicando

Primo de Rivera, em conversa com os jornalistas do seu país ácerca do golpe de Estado ultimamente produzido, disse-lhes:

....

A significação do acto de rebeldia não foi outra senão o protesto do país contra os erros, a desonestidade, a desfaçatez e o cinismo dos politicos. Se nós não tivessemos feito esta revolução, tela-ia realisado o povo, sobrevertendo, talvez, as instituições. E teria corrido muito sangue. O insucesso arrastar-nos-ia ao regimen sovietista.

....

A nossa acção vai ser muito dolorosa: inspecionar serviços, castigar faltas duramente, obrigar todos ao cumprimento do dever; essa acção será cauterisante e procuraremos acabar com os compadrios, com as imoralidades, com os empenhos, por toda a forma e onde quer que assim se proceda.

Um *primo* destes é que Portugal tambem precisava durante três mezes...

PELA MORALIDADE!

A sindicancia ao Museu de Aveiro

O que Silverio Pereira Junior apurou sobre as falcatruas imputadas ao ex-director Marques Gomes

Relatorio

X

O encerramento da egreja prejudica... «O Progresso da Republica»

O governador civil e a reacção contra o sindicante

Jámais desde o encerramento da egreja de Jesus ouvi falar em tal assunto até ao momento em que o sr. Faustino de Andrade aprouve traze-lo a publico pela imprensa.

Entretanto, começam a ser dirigidos ao Ex.mo Ministro varios telegramas entre os quais pela parvoice e originalidade me apraz transcrever os seguintes:

«O sindicante aos actos director Muzeu Regional esta cidade não só *mandou selar a capela anexa á egreja do mosteiro de Jesus* (o sublinhado é nosso) cuja abertura V. Ex.ª autorisára por telegrama em maio ultimo, *mas mandou egualmente selar e vedar ao publico a entrada da referida egreja* que estava entregue ao culto. Rogo V. Ex.ª se digne dar ordens categoricas ao aludido sindicante *para que capela e egreja sejam* franqueadas».

Governador civil,
(a) *Costa Ferreira.*

* * *

A capela e a egreja» são *uma e a mesma coisa*.

* * *

A bem ordem e progresso Republica concelho Aveiro rogo a V. Ex.ª se digne mandar ordem urgente sindicante Muzeu Regional, confirmando telegrama V. Ex.ª 2 maio ultimo, permitindo culto capela anexa onde habitualmente era exercido, *sob responsabilidade cultual*».

Governador civil,
(a) *Costa Ferreira.*

* * *

"Sindicante *não pode* expôr razões determinem encerramento egreja antes persistem motivos continuação abertura».

Governador civil,
(a) *Costa Ferreira.*

* * *

«Sendo uso e costume realisar-se culto obrigatorio *todas* sextas feiras e domingos e *todos os dias* neste templo anexo Muzeu Regional *indevidamente selado*, rogo V. Ex.ª se digne *mandar fazer entrega chave referido templo paroco freguezia*».

Governador civil,
(a) *Costa Ferreira.*

Além destes interessantes telegramas, que me conste, simplesmente foi recebido o seguinte:

«Catolicos de Aveiro, quasi totalidade população da cidade, significam V. Ex.ª seu profundo sentimento pelo inutil encerramento egreja anexa Muzeu e pedem reabertura daquele templo».

A comissão,
(aa) *Prior Rachão*
Duarte e Silva
Agapito Rebocho
João Gamelas
Rodrigues Vieira.

XI

O Sindicante apontado ás iras clericais—A moral religiosa

Nenhuns outros protestos se formularam, que me conste, repito, até que o jornal *O Debate*, orgão democratico, publica em 27 de julho, com o titulo «Sobre o encerramento de uma capela», a seguinte

Carta

Meu caro dr. Barata

«Constando-me que alguem tem propalado por ahi que eu solicitei superiormente o rapido encerramento da egreja de Jesus e do tumulo de Santa Joana, talvez com intuitos de me malquistar com o povo desta cidade, sou a dizer: «que tal não é verdade, pois se o fôra, tomava inteira responsabilidade desse acto, pois não sou homem capaz de alijar, para cima de outros, culpas que só a mim pertencerem».

Nunca concordei, nem concordo, com o encerramento dessa egreja e desse tumulo por que nenhum perigo me parece advir da exposição desses dois anexos do Muzeu Regional de Aveiro, pois se o houvera, quer por propagandas dissolventes contra as Instituições, quer por actos congreganistas ali realisados, seria eu o primeiro a manda-los encerrar.

Mas pelas averiguações feitas por o meu Comissariado sei que nessa egreja se tem praticado actos puramente religiosos que não brigam com os meus principios e crenças de republicano radical, nem com a segurança do Estado, e por isso, se alguem exige o seu encerramento não sou eu, repito, parecendo-me que ha mais conveniencia para a Republica a sua exposição ao povo catolico do que a abertura de novos conflitos com entidades que melhor é chamar ao nosso gremio do que procurar escorraça-las, o que julgo ser de melhor politica do que a que andam fazendo muitos que de republicanos só teem o nome».

Com toda a consideração sou amg.º ven.º e ob.º

(a) *A. Faustino de Andrade*
Comissario de Policia Civica de Aveiro

* * *

A generosa intenção de me apontar á furia... clerical aveirense, perante a qual o sr. comissario se agacha amedrontado, é manifesta.

Ninguem lhe imputava tal responsabilidade. Ninguem!

O sr. Faustino de Andrade, creia V. Ex.ª, é creatura que não passa despercebida em Aveiro, porque existe o... *seu* comissariado!

O sr. Faustino de Andrade teve, certamente, quem o indusisse a publicar a carta. Com certeza! O sr. Faustino de Andrade tem muito talento e boa memoria para compreender a especialissima situação em que me encontrava, em terra estranha, e se não esquecer da situação oficial que disfructa: comissario de policia.

Se o *seu* comissariado averiguasse e quizesse ouvir, ouviria, como eu, o padre Rachão na egreja de Jesus, anexa ao Muzeu, fazer a mais perninciosa propaganda, que não só briga com os «principios de republicano radical», do sr. Faustino de Andrade, mas com a propria moral publica e privada!

Eu conto: uma manhã, entrei na egreja de Jesus, na ocasião em que o padre Rachão estava fazendo a propaganda duma medalha milagrosa e respectivo escapulario, afirmando que os seus possuidores além de *quinhentas e tantas* indulgencias,—ele nem sequer sabia o numero certo!—livrar-se-iam de todos os males e os que os tivessem, breve deles se livrariam; e, citando varios milagres registados na visinha Espanha, proclamava, dirigindo-se *ás irmãs zeladoras*: «O vosso dever não é só comprar e usar a medalha religiosa ou o escapulario *que é mais barato*, é fazer com que os vossos maridos as usem tambem!» Eu sei, acrescentava, que eles, arredios, como andam, da casa do Senhor, se recusam a usar a medalha, *mas vós irmãs zeladoras, é que tendes um meio de os enganar*. E explica: *descosem o casaco entre a fazenda e o forro, cosem á fazenda a medalhinha e compõem de novo o fôrro!* E, assim, eles—os enganados!—sem o saberem, andam sob a influencia milagrosa da medalha.

Passados um, dois mezes, os vossos maridos tornam-se mais frequentadores da casa do Senhor, mais atenciosos... mais ternos... e essa mudança dever-se-ha á medalha milagrosa!

Era a propaganda suave e o incitamento á pratica de actos que, inofensivos... embora, podiam originar, por uma associação de ideias e sob más influencias, outros maiores e mais graves, provocando o desmantelamento do lar domestico ou, pelo menos, a desharmonia.

Tal é a moral religiosa!

Enfim, é possivel, que os principios de «republicano radical», do sr. Faustino de Andrade, se não choquem, antes se harmonisem com os «principios evangelicos e oportunistas do padre Pinto Rachão». E' possivel. Mas os extremos tocam-se.

Eram estas afirmações e ainda a de que é de lamentar profundamente, que os "principios radicaes» do sr. comissario, Faustino de Andrade, o forçassem a vir a publico manifestar a sua discordia com o encerramento da egreja e a mostrar-se impassi-

vel com o encerramento do Muzeu, repositorio de imensas preciosidades de altissimo valor rial, artistico e historico, fechado durante quatro mezes (quando era costume estar aberto *todos* os dias, *incluindo todas as sextas-feiras e domingos,* como diria o ex-governador civil, Costa Ferreira). Eram estas, repito, as afirmações que deixei de fazer na seguinte carta que imediatamente dirigi ao director de *O Debate* que só a publicou em 10 de agosto e que os jornais *O Democrata* e *Campeão das Provincias* inseriram no dia 5 de agosto e *O de Aveiro,* no dia 8.

Ex.^mo Sr. Director:

«O jornal *O Debate,* que V. Ex.ª mui dignamente dirige, publica no seu ultimo numero uma carta assinada pelo sr. comissario de policia em que este senhor, com o pretexto de desmentir um boato..., vem a publico emitir a sua opinião sobre o encerramento da capela anexa ao Muzeu e que deste faz parte integrante.

Parece mesmo ter sido este o motivo principal da carta.

Duas palavras apenas, por agora.

Quanto ao boato, de que o sr. comissario tinha solicitado o encerramento da capela, *é absolutamente falso* como *destituido de fundamento* é a afirmação de que a casa onde está o tumulo de Santa Joana esteja vedado ao publico.

Esteve, de facto. Mas fui eu que a mandei abrir, após a minha chegada a Aveiro.

Confirmo, pois, com infinito prazer, o desmentido oposto ao tal boato.. a despeito de, *só a uma unica pessoa* ter ouvido semelhante afirmação: *ao proprio sr. comissario.* A mais ninguem.

Mas, se é com infinito prazer que me apresso a concorrer para ser desfeito tal boato... de que o sr. comissario me deu conhecimento, pessoalmente, e ao publico, por intermedio do seu jornal,—é com muita honra e justificado orgulho que reivindico para mim a peternidade da iniciativa do encerramento da capela, que em minha humilissima opinião—perdôe-me o sr. comissario o atrevimento!—deve ser vedada ao exercicio *permanente* do culto religioso, mas *permanentemente* exposta á admiração do publico, como primorosa joia artistica, que é, resguardada dos vandalos, que, sem respeito pelo seu valor historico e artistico, teem ali praticado verdadeiras brutalidades.

Por agora, rogo a V. Ex.ª a publicação desta carta que, *para completo descanso do sr. comissario* e cabal satisfação da minha consciencia, vou solicitar seja publicada em todos os jornais de Aveiro, pelo desejo que tenho em tornar bem publico que é minha *e só minha* a responsabilidade de tal encerramento. A gloria de a mandar abrir ao culto religioso a outros pertencerá, não a mim. Afirmo-o com segurança!

Mais tarde comentarei as afirmações do sr. comissario, não o fazendo já pelo respeito que devo á situação especial em que me encontro nesta cidade».

(Prossegue no proximo numero)

"Club dos Galitos,,

Acaba de nos ser comunicado que, na acta da sua sessão do dia 27 de agosto, os directores desta florescente casa de recreio exararam um voto de louvor e muito reconhecimento ao *Democrata* pela cooperação leal dispensada por este semanario a quando da excursão de Viana do Castelo e que não foi mais do que o cumprimento dum dever.

Notas mundanas

De visita aos seus, estiveram nesta cidade a sr.ª D. Maria José de Brito e Beça e seu irmão, o tenente Alfredo Cézar de Brito, que se fazia acompanhar de sua esposa, a sr.ª D. Alice de Bessa e Brito.

— Após algum tempo de permanencia em Alquerubim retirou já para Lisboa o sr. Adolfo Marques de Oliveira, digno empregado na Imprensa Nacional.

— Fizeram anos nos dias 10, 15, 17 e 19, respectivamente, os srs, Pompeu Alvarenga, Maximo Henriques de Oliveira, João da Maia Romão e Manuel Cação Gaspar.

Imprensa

«O Mundo»

Acaba de entrar no seu 24.º ano de existencia o tradicional orgão republicano de Lisboa, actualmente dirigido pelo sr. Urbano Rodrigues, que o tem orientado por forma a ser mais util á Republica do que aos partidos politicos.

Com as nossas saudações, manifestâmos ao jornal, que França Borges fundou e manteve como um baluarte á roda do qual se agrupavam todos os republicanos, o desejo duma vida prospera e longa.

Benemerencia

Recebemos do sr. dr. Artur Pinto Basto, de Oliveira de Azemeis, a mensalidade de 1$50 com que costuma socorrer a nossa protegida Maria Fartura e a quem já fizemos entrega.

Agradecemos.

SPORT

Segundo corre, está prestes a fechar-se um contracto do qual resultará, tanto para o club nisso empenhado como para o publico, um grande e importante melhoramento, tal seja a obtenção dum dos melhores campos de jogo na provincia.

Oxalá que todos os esforços para tal empregados obtenham o melhor exito porque, com isso, só tem a lucrar a, cidade e muito.

Necrologia

Deixou de existir, no Porto, para onde tinha ido juntar-se a seu filho, o sr. Manuel Ferreira Lavrador, empregado da importante casa bancaria Pinto & Sotto Maior, a sr.ª Maria Gonçalves de Jesus.

Mãe estremosa, como fôra boa e virtuosa esposa, a sua perda abre profunda brecha no coração de seus filhos, Manuel e Antonio, a quem acompanhâmos na sua dolorosa magua, enviando-lhes as nossas condolencias.

SUFRAGIO

No dia 30.º do falecimento de Amadeu Tavares Pinto, foi, na paroquial da Vera-Cruz, rezada uma missa, sufragando a alma daquele nosso malogrado amigo, á qual assistiu toda a familia enlutada e grande numero de pessoas.

Na Casa Pia, foi tambem realisado identico acto, comemorando o passamento do seu antigo aluno.

A Resistencia, orgão da classe dos correios e telegrafos, publica, em o seu numero de 15 do corrente, palavras de inteira justiça para o extinto, pela pena brilhante de Anibal Homem de Figueiredo, terminando por lembrar a todos os camaradas a necessidade de seguirem a conduta e os exemplos que deixa o saudoso morto na sua labuta de empregado, onde tanto se distinguiu.

Por Oliveira de Azemeis

O sr. dr. Pinho Rocha é o prototipo do pantomineiro ganancioso

O sr. dr. Pinho Rocha desempenha todos os papeis com o fito no interesse. Ele faz de amigo e inimigo, de correligionario e adversario, de religioso e ateu, de homem sério e garoto, de monarquico e republicano, de atencioso e malcreado, de amavel e grosseiro. A faculdade de adaptação é egual á modalidade de caracter e esta proporcional aos lucros que ele, nos seus calculos de ambicioso, supõe arranjar na mudança de situação. Anda sempre a farejar rendimentos e consequentemente a trocar o seu papel. Acaba de falar com o sr. Adriano em confidencias de intimo amigo, estreitando-o num abraço de sinceridade e fustigando rijamente o sr. Antonio por ser inimigo daquele ou seu adversario politico e momentos depois, encontrando-se com este em companhia do sr. Arlindo, retoma, com os mesmos ares de seriedade, o papel que ha pouco tinha feito:—contar-lhes novidades, invenções, em tom de confidencia; estreita-os num amplexo de amigo; põe pelas ruas da amargura o caracter do seu intimo Adriano; bate-lhes palmadinhas nas costas; ri-se com prazer dum soberbo golpe financeiro do sr. Antonio e duma inteligente resposta do sr. Arlindo e solta-lhes, a proposito, uma das suas finas piadas que acabou de lêr no André Brun, enquanto dava ao espelho o ultimo retoque num movimento de mãos e ouvia uma recomendaçãosinha da abelha mestra. E para não perder os efeitos, enquanto lhes revôa a gargalhada do sr. dr. Pinho Rocha como remate da sua pilheria, em despedida familiar se apertam efusivamente as mãos.

D'aí a instantes, nova paragem do sr. doutor e um recomeçar com outras e outros.

No fim do dia, ao recolher a casa, conta a maça que adquiriu, limpa os debitos da clinica, deita-se com a consciencia tranquila, magicando na maneira como se ha de haver no dia seguinte, no que tem a dizer se encontrar o velho companheiro Anibal a sair a porta do Manuelsinho, com os labios secos e o rosto afogueado, e quando topar o Leão a demonstrar ao Sebastião que as partidas dobradas são de longo alcance na aquisição de sabões para um amigo e socio.

Fatigado por este redomoinhar social, adormece. Ao som da *trombeta castelhana* sonha e devem ser sonhos de proveito porque um sorriso paira-lhe na face. A sua fertil imaginação projecta-lhe um parto laborioso em que as tripas da parturiente descem até á vulva atravez dum rasgão da madre, que não soube resistir aos seus musculos alfandegarios quando em manobras de Jaques Extripador lhe arrancava o féto; faz-lhe ouvir o baque dos seus joelhos no soalho da nave da egreja ao erguer do calix; enebria-o com as palmas no seu discurso com que dum camarote do nosso teatro magistralmente defendeu a Direcção e Conselho Fiscal da Cooperativa pelos roubos e viciações de escrita que lhe haviam feito os seus constituintes e amigos consocios; ergue-lhe um pouco a mão, fazendo-lhe sentir entre os dedos corpo macío e roliço, talvez rôlo de notas do banco; ressôa-lhe chamada urgente em fortes pancadas na porta da rua, que o fazem estremecer; convence-o de que está agarrado á vara do palio para ser agradavel ao prior da freguezia, que tão gentilmente o presenteou com pantagruelico juntar e que, tanto pela sua força eleitoral como pelas suas convicções politicas, marca posição no partido nacionalista do concelho e é ámanhã, na restauração da monarquia, valorosa protecção para si e para os seus.

Até a dormir não descansa desta faina que o faz querido do beaterio, adorado pela *élite* oliveirense e pioneiro da pantomima e oprobrio.

O sr. dr. Pinho Rocha é, de facto, um elemento indispensavel á sucia que domina a governamentação desta infeliz comarca e explorado concelho. O sr. dr. Pinho Rocha caíu neste meio de *honrosas tradições* como *sopa no mel.*

Nesta campanha jornalistica para onde me impeliram sem esforço, o direito e a justiça dos pequenos e dos pobres e a ganancia e o arrôjo dos grandes sem escrupulos, se tem evidenciado em factos e argumentos a verdade destas minhas afirmações. Mas ha mais factos a descrever, mais deduções a tirar.

* * *

Quando o sr. dr. Pinho Rocha terminou os estudos, resolveu abrir consultorio e fazer clinica neste meio, antes de defender tése. Abordou-me e poz-me ao corrente dos seus desejos, dos seus planos, ao mesmo tempo que me confessava os seus receios de que o sr. dr. Freitas (pae) não visse com bons olhos esta sua resolução e participasse da sua situação ilegal, pois bem sabia que não podia fazer clinica sem ter as cartas de formatura.

Acabado o seu aranzel, que durou desde Pindelo a Pinhão, aonde, de carro, fui vêr uma doente, respondi-lhe que não tivesse taes receios de colega algum destas paragens, porque os supunha incapazes disso; mas, para seu descanso e para prova irrefragavel desta minha convicção, me comprometia a subscrever todas as suas receitas, caso se verificasse o meu engano.

Falou-me tambem do seu reduzido instrumental cirurgico e da sua pequena biblioteca profissional. Percebendo o seu alcance, coloquei, com franqueza, ao seu dispor tudo quanto estivesse em meu poder e instiguei-o a levar por diante o breve inicio da sua carreira.

Abriu consultorio e aceitou o meu oferecimento. Nenhum colega participou dele. Do meu instrumental cirurgico serviu-se quantas vezes quiz, sem jamais ter notado em mim o menor sinal de enfado ou arrependimento.

Um dia, rebentou nas suas mãos o insuflador do meu termo-cauterio. Cousa natural. Contou-me o sucedido e eu disse-lhe que não se arreliasse, porque, quando fosse ao Porto, que comprava outro e que ficava sempre ao seu dispor. Uma noite, estando eu na Camisaria Bento Landureza, entrou o sr. dr. Pinho Rocha e disse-me: «Aqui tem o insuflador que comprei hoje no Porto». Perguntei-lhe quanto devia e não m'o dizendo nem aceitando dinheiro, insisti e então saiu-se com esta: *«O termo-cauterio fica sendo nosso».* Não, retorqui. O que é meu, é só meu. Não quero sociedades.

Passados dias encontrou-me e perguntou-me quando ia ao Porto para lhe comprar uma agulha de platina. Respondi que ia brevemente e lh'a trazia.

Comprei-lh'a e, ao entregar-lh'a, disse: *Aqui a tem. Nada me deve. E' sua e só sua.*

Despediu-se, sorrindo, agradecendo e batendo-me nas costas palmadinhas amigas.

Mais tarde aliou-se á sucia Castro-Leão, depois de ter dito *séca e méca* da companhia Fausto, Sousa & Reis desta vila, e atirou-se a mim para ser agradavel aos homens do dinheiro e ao sr. dr. Freitas e para me abalar a clientela em seu proveito. Era o desenrolar da gratidão, o patentear da sua alma. Na vergonhosa peça *O roubo da Cooperativa pelos Castros-Leões* chegou a desempenhar o triste papel de *administrador do concelho* ás ordens do Leão. Eu, de *primo e amigo* passei a ser tratado por esse comediante como figadal inimigo.

Nos meus braços, a quem milhares de vezes pediu auxilio, espetou, num ronco de tigre esfomeado, as suas unhas aduncas e não me chegou a rasgar os bolsos porque me acautelei. Quiz meter-me na cadeia por eu ter praticado o crime de não ajudar a ocultar o roubo da Cooperativa.

Foi um requinte da sua nata *amabilidade,* algo hospitaleira para os doentes que não teem mésses para lhe dar grão nem influencias para o elevar.

A prova desta nobreza de sentimentos e de correcção encontra-se na Rua do Cruzeiro, desta vila.

E' um caso bem patognomonico do estofo deste famigerado doutor.

Naquela rua andou durante muito tempo a tratar duma mulher. Não vendo sequer o declinar da doença nem já sabendo o que lhe havia de receitar, principiou a sentir-se mal nessa entravante situação para a sua bolsa e fama, e um dia esborrifou sobre a doente esta amabilidade: *Já não sei o que lhe hei-de fazer. Melhor é ir procurar um alveitar e tratar-se com ele.*

Toda formalisada e sem mais delongas lhe ripostou a doente: *Procurei-o desde o principio da doença e com ele sempre me tenho andado a tratar, mas acabo de lhe ouvir que não sabe o que me ha de fazer.*

Vergastada de luva branca tão grosseira insolencia por uma mulher do povo que se curva ao trabalho para ganhar a vida, o sr. dr. Pinho Rocha, mudo e silencioso, ergueu-se, ergueu-se e saíu cabisbaixo. Chegado á rua, deparou-se-lhe a Cruz, que para um religioso sincero è um balsamo consolador e para um ateu um apelo ao sacrificio e uma exortação á luta pela felicidade dos nossos semelhantes. O sr. dr. Pinho Rocha, porem, volveu-lhe olhares de odio. E' que a sua alma jámais compreendeu as transcendencias dos inegualaveis sacrificios que esses braços estendidos testemunham eternamente a bem da humanidade que sofre os seus infortunios e geme desgraças sob a brutalidade dos *Doutores Bismutos* de todos os tempos.

Esses olhares com que insultou Cristo, desmentem-lhe o sentimento religioso que pretende fazer crer com o seu *mea-culpa,* com o seu fervilhar de orações, com o seu abrupto e estrondoso genuflectir. Esses olhares são a maior blasfemia ao Martir do Golgota.

Nem as torturas com que foi flagelado o Rabi da Galilêa e que com resignação sofreu em holocausto ao Grande Ideal lhe fizeram vibrar sequer, um só momento, a alma com sublimidade.

E' assim o sr. dr. Pinho Rocha!

....

A doente ficou sem assistencia e em poucos dias estava restabelecida.

Lopes de Oliveira.

Medico

Agradecimento

Sendo possivel que directamente, como era nosso dever e desejo, tenhamos deixado de agradecer a cada uma das pessoas que nos destinguiram com provas tão evidentes de estima e consideração, não só honrando com a sua presença os funerais e missas do 30.º dia por alma dos nossos queridos e malogrados maridos, pae, genros e cunhados—Humberto Beça e Amadeu Tavares Pinto—bem como á imprensa e a tantas outras pessoas que nos cumprimentaram por aqueles dolorosos transes, aproveitamos este meio, significando penhoradissimos a todos o nosso profundo reconhecimento e eterna gratidão.

Aveiro, 20 de setembro de 1923.

Maria José de Brito e Beça
Alice de Brito Tavares Pinto
Humberto de Brito T. Pinto
Henrique de Brito T. Pinto
Isabel de Brito T. Pinto
Alfredo Cesar de Brito
Antonio Constantino de Brito
Henrique Noberto de Brito
Alfredo Cesar de Brito, filho.

Correspondencias

Costa do Valado, 20

A festa da Senhora da Graça, em Quintans, esteve retumbante este ano, pois durou desde sabado até terça-feira, conservando o logar o mais alegre aspecto durante esses dias.

Houve arraial, com entremez, no sabado e domingo, saindo-se o grupo quanto possivel bem, agradando a representação da peça *Casar para morrer.* Além da procissão de domingo, outra teve logar na segunda-feira devido a uma promessa do sr. Antonio Diogo e com respeito a fogo só diremos que incessantemente era aqui ouvido, sendo, á noite, admirada a arte do pirotecnico que o confeccionou.

Pena foi que a rapaziada se não conduzisse até ao fim com aquela harmonia propria de gente pacata, dando logar ao barulho de terça-feira e envolvendo-se num sarilho que bem funestas consequencias podia ter trazido.

Nada; assim é que não deve ser, pelo que exortâmos a mocidade a divertir-se em vez de se incompatibilisar, provocando desordens.

— Começaram as vindimas após a chuva benéfica que caiu no fim da outra e principio desta semana.

Tardou, mas alguma coisa veio ainda compensar os nossos lavradores.

E não foi pouco.

C.